

## Homenagem das feministas portuguesas a *Maria Antónia Palla, feminista e jornalista* (Notas para uma biografia)



(Versão definitiva)

Todos lhe conhecemos a enorme capacidade de trabalho, a energia, a organização e a imaginação que põe nas causas que abraça, quer dizer, em todas as causas em que acredita, agindo, deve ser dito, de alma e coração, mas, sempre, com justificação teórica e racional, que tem o dom de sintetizar de uma forma muito óbvia e muito simples. Dou alguns exemplos de sua autoria oral, com aspas:

“A democracia é uma coisa muito simples, nós é que a complicamos”.

“A política precede a economia. Não há países ricos sem democracia. Os países ricos, são países democráticos”.

“As mulheres correm o risco de ao conquistarem a igualdade, seguirem o modelo masculino. Temos o direito à igualdade e temos o direito à diferença”.

“Há sempre uma injustiça quando se trata de modo igual aquilo que é diferente”.

“Não se pode dizer que o feminismo já não faz mais sentido, pois continua na ordem do dia”.

“Mulheres e Homens, ambos devem pensar que são diferentes e têm os mesmos direitos e a ambos é devida a escolha de optar pelo que querem fazer na vida.”

A inteligência e a lógica merecem —lhe merecimento, tal como os bons sentimentos que todos lhe reconhecemos: a lealdade na amizade, a disponibilidade para afectos; a generosidade a todos; a alegria contagiante; as irritações tempestuosas e curtas, e também a sinceridade dos seus estados de emoção profunda, que aprendeu a dominar com o sono e com sonhos, com uma actividade persistente. Activa, sempre activa, a Maria Antónia Palla tem as gargalhadas tão fáceis e tão quentes como as lágrimas. Todos lhe reconhecemos o espírito irrequeto e inquieto, e curioso, a pressa que põe na realização de tarefas e de iniciativas, a frontalidade das palavras, a busca desesperada do trabalho em equipa, o imperativo da lucidez e das críticas óbvias, as dores das rupturas e das separações, as rigorosas decisões inadiáveis. Às vezes, parece que se deslumbra e se espanta com as próprias conclusões a que chega por caminhos que experimenta, com a espontaneidade à vista e uma grande ânsia de verdade, e isso é um divertimento puro que rouba aos pensamentos e nos oferece de mão beijada, para reflexão.

“Acho que sempre fui feminista”, como a verdade de Lapalisse.

Afirma-se categoricamente como livre pensadora e explica:

“Tenho de facto crenças profundas, mas não acredito, era bom acreditar—numa entidade superior, organizadora do mundo. Foi numa aula de filosofia do prof. Rui Grácio, no Liceu Francês, que tive a revelação, para mim foi uma revelação, de que o mundo é um devir constante e de que não há princípio nem fim. Assim resolvi o meu problema de Deus. Por isso, acho, nunca fui do Partido Comunista,— o comunismo postulava um fim à História—, embora sempre fosse da oposição à ditadura. Eu era da oposição desde criança, como as outras crianças eram baptizadas... “, nos tempos em que quase todos os que eram da oposição eram comunistas ou eram como se fossem, era uma grande ousadia intelectual.

“Nasci no Seixal e andei no Liceu Francês”, proclama, em tom eufórico e definitivo, como se fossem sinais particulares da sua identidade. E são, de facto.

Nascer no Seixal, em 1933, era ser da outra margem do Tejo, olhar Lisboa ao longe ou por um óculo, como seu avô, republicano e maçom, perscrutando sinais de insurreição; era ler o jornal *República* a sua avó, quando esta começou a cansar-se da vista, todos os dias, de fio a pavio. Um dia, o avô deu-lhe, mesmo “a honra de me levar à sede do jornal e de me apresentar ao Director Carvalhão Duarte.” “Foi um dia inesquecível. Era um ambiente inesquecível.”

Aí começou, porventura, a sua iniciação ao jornalismo, nesse dia de visita a um jornal de referência, e no seio daquela família republicana, em que havia uma grande coesão de idéias entre o casal... e que adoravam aquela neta. A sua avó chegava a substituir o marido no Registo Civil, uma grande campanha da República, quando os afazeres dele o impediam.

“Eu gostava muito de aprender e de ler. Lia muito, lia tudo. Ainda hoje gosto de aprender”.

Foi ao pé da sua avó que leu o livro de *Organização Política e Administrativa da Nação*, que à época e durante muitos anos, quase todos os estudantes detestavam. Ela, a menina, lia e a avó comentava, criticava, sublinhando a importância de um cidadão, de uma cidadã conhecer as leis do país.

“Entender o regime para o modificar”, esclarece Maria Antónia Palla.

Foi assim que foi educada em criança, por isso diz que o seu “grande motor de vida é a luta pela liberdade, “uma liberdade que exista lá fora, politicamente e uma liberdade que exista dentro de casa”. A liberdade que conheceu desde criança em casa de seus avós. Uma casa no Seixal, cheia de gente que entrava e saía que iam saber novidades de política ou levar notícias da terra.

“Havia esse clima de liberdade e de conspiração, pois o meu avô fazia uma série de coisas que ninguém sabia o que era”. Ouvia-se a BBC. “éramos claramente pelos aliados”.

A porta da casa era só fechada no trinco e podia sempre aparecer alguém para jantar. Havia sempre comida amais e era prato de peixe, prato de carne e doce ou fruta, além da sopa. Era uma casa farta, onde havia um tratamento liberal. Deixavam-na comer o doce no princípio ou no fim, à vontade, e já deitada se ouvia as meninas a brincarem lá fora, na rua, “tornava a vestir-me e ia ter com elas”.

Nunca escreveu contos, nem poemas, na juventude, mas aprendeu a ler muito, foi uma estupenda aluna e desde cedo e durante sete anos, frequentou um Liceu, o Liceu Francês, que praticava a educação mista. Licenciou-se em História e Filosofia, mas nunca pensou em ensinar. Os jornais fascinaram-na. Escrever e partilhar, ler e comunicar, pela liberdade do pensamento e pela partilha do conhecimento com os outros. A solidão foi, porém, o grande sofrimento da sua vida de criança, pois fez toda a Instrução Primária em casa, sem colegas e amiguinhas, com longos períodos de repouso e descanso obrigatório na cama, por causa de uma tubérculo a temível doença destes anos, ainda sem penicilina.

Mais tarde, jovem casada, casou a primeira vez com 20 anos, com o escritor e poeta, Orlando Costa, haveria de conhecer, como mãe, a dor maior, essa dilaceração que estilhaça o coração e a memória, por mais anos que passem ou pesem ou voem, mas uma nova maternidade, seu filho António Costa, iluminou-a completamente. Aliás, como feminista, inclui sempre, como a Maria Lamas, aliás, a questão da maternidade, como uma questão essencial das mulheres. Para conversar sobre esta questão e outras, nesses tempos obscuros, chegava a tomar o comboio em Sta. Apolónia, atravessar a Espanha toda de noite, eram, e ainda são 36 horas, até chegar à liberdade de Paris. A liberdade, então, podia ser apenas isso, conversar livremente com alguém que nos entendia, ver um filme ou ler um livro proibido. Foi, aliás, a Maria Antónia Palla quem fez a primeira biografia de Maria Lamas, num documentário televisivo, tal como a de Elina Guimarães, logo no Outono de 1974 - e como jornalista, a atenção para os assuntos das mulheres passou, como afirma, por Maria Lamas, que conheceu quando tinha apenas 18 anos.



Em 1968, o Balsemão, no *Diário Popular*, abre pela primeira vez concurso para a entrada de mulheres na redacção do periódico. Foi o dia mais feliz da sua vida. Ia pela primeira vez trabalhar e ganhar dinheiro, portanto ser economicamente independente. “E tinha o filho só para mim”, lembra, enlevada ainda e porventura injusta, desatualizada ou descrente da partilha parental.



“Fazia parte do sentimento de felicidade ter o meu filho só para mim. Como mãe, nunca fiz sacrifícios”.

“A felicidade, para mim era estar na escola e mais tarde, no Liceu e na cidade. A sensação de andar a pé pela cidade foi uma sensação fundadora do seu prazer da liberdade.

A educação no Liceu Francês era uma forma de fugir à influência do regime, e ao regime patriarcal, para muitos filhos de uma burguesia esclarecida e empenhada nos valores da democracia. A felicidade, conceito que refere com frequência, com simplicidade, tal como Maria Lamas lhe respondeu quando lhe perguntou qual era o sentido da vida: “o sentido da vida é melhorá-la”.

Maria Antónia Palla, provavelmente, também foi uma cidadã desde criança, ainda sem o saber, ainda que inconscientemente ou melhor, sem consciência disso. Os cidadãos nascem com as cidades: as feministas quando percebem que as cidades também lhes pertencem. As jornalistas, simultaneamente.

“Nunca tive brinquedos, nem bonecas. Nunca tive uma boneca. Brincava com a minha imaginação”. Foi feminista primeiro, como vimos, muito antes de ser uma das primeiras jornalistas, uma das primeiras repórteres, dentro de uma redacção de um jornal diário, na segunda metade do Século XX.

A causa das mulheres passou-lhe por perto, quase ao mesmo tempo do que a profissão de jornalista, que iniciou aos 32 anos, nos anos sessenta, primeiro na Revista *Rádio e Televisão*, depois na “Página Literária” do *Diário Popular*, da para a redacção do próprio jornal *Diário Popular*, como referimos, onde coineçou por fazer entrevistas para logo se lançar na reportagem, então vedada às mulheres. A primeira entrevista que fez foi ao escritor Virgílio Ferreira, a primeira grande reportagem resultou de um mês passado no Brasil, que teve várias chamadas de primeira página na qual fez um levantamento sobre os escritores portugueses e os escritores brasileiros, “Sobre a situação do escritor da língua portuguesa”. O fotógrafo era o Eduardo Gageiro. Tudo um luxo para a jovem candidata a repórter..

“Verdadeiramente, acho que nasci feminista”, repete. Do feminismo republicano da primeira metade do século XX reteve o essencial. Estudar para ter conhecimentos e ser economicamente independente. Lutar pela liberdade e pela emancipação, pela dignidade da mulher cidadã e praticar a solidariedade.

Quando acredita numa coisa, que lhe parece clara e evidente, tem muita dificuldade em não lutar por ela. É um problema da sua consciência. A liberdade de pensamento e a liberdade da sua vida individual, andam juntas.

“Tenho por princípio o pressuposto de analisar todas as hipóteses, sem preconceitos. Tenho convicções profundas, mas estou disposta a pô-las em causa”. Esta consciência de liberdade aproximou-a muito do pensamento do António José Saraiva, afirma.

Além de jornalista, foi essencialmente uma jornalista de semanários, integrou depois o *Século Ilustrado* e a *Vida Mundial*, ainda pegou na Revista *Modas e Bordados* para lhe dar uma renovação, tudo no Século. Depois de Abril, fazer a Revista *Máxima* foi nesta área, a sua última experiência com sucesso, onde formou equipa e fez escola e fez grandes amizades. Maria Antónia Palla foi uma Grande Repórter e da sua luta pela liberdade de Imprensa, fez parte o trabalho voluntário como dirigente, durante muitos anos, do Sindicato dos Jornalistas, e dez

anos de trabalho benévolo no Conselho de Imprensa. Hoje, como Presidente da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas, a primeira mulher a exercer esse cargo, ainda sente que é uma forma de estar integrada na profissão, a cuidar dos problemas dos jornalistas. Em nome da Liberdade de Imprensa enfrentou processos disciplinares, um por ter tratado na Televisão o tema do aborto, hoje um tema livre na comunicação social e no Parlamento, processo que, então, mereceu ao Juiz Afonso de Melo uma exemplar sentença positiva, publicada, então, no *Expresso*, na íntegra.

Publicou *Só acontece aos outros*, (1979) histórias de violência sobre as mulheres e sobre as crianças, é bom reler este trabalho pioneiro, e *Revolução, meu amor, Maio um ano depois*, uma grande reportagem sobre o que ficou do Maio de 1968, e que fez, em Paris, no ano de 1969. Entrevistou, então, Jean-Luc Godard, Jacques Brel, Siné, Françoise Giroud, Sauvageot, António José Saraiva, Robert Toussaint, Alain Touraine. Um acontecimento que classifica “como um sonho grande demais”, uma reportagem que pela sua abrangência reflete bem a consciência social que a repórter teve do acontecimento.

Como jornalista e feminista Maria Antónia Palla, faz, pois, na segunda metade do século XX a ligação aos primeiros feminismos do século XX, que afirma ter sido um século fabuloso para as mulheres tendo-se avançado milhares de anos. Tudo muda, quando as mulheres mudam? É uma espécie de revolução, diz lembrando, ainda, certamente Maria Lamas que lhe afirmou numa entrevista: “a paz é uma espécie de revolução”.

Hoje, quando o tempo das pioneiras acabou, na cultura ocidental, quando as universidades e os Palácios de Justiça e as redacções dos jornais e de outros meios de comunicação social estão cheios de mulheres, quando já nenhuma profissão lhes é vedada, aparentemente, embora a falta de poder de decisão das mulheres, na política como em outros centros de produção intelectual, jornalística e económica, seja ainda uma realidade crua; hoje, quando os Estudos sobre as Mulheres, em âmbito universitário, conhecem uma vitalidade à prova do desdém, embora, como tudo em Portugal com muitos anos de atraso, Maria Antónia Palla faz dois alertas fundamentais:

“É preciso que as mulheres não se deixem apanhar na armadilha das duplas e triplas tarefas e que tenham em atenção que não podem abdicar da consciência do tempo livre. Nem devem abdicar do seu próprio projecto de vida”, esse é o segundo alerta. Duas questões pertinentes para o século XXI. Duas formas de liberdade, do seu ponto de vista inalienáveis.

Todos lhe reconhecemos a independência e a liberdade de espírito, a coragem com que defende déias e convicções e todos lhe devemos um combate incansável pelos direitos das mulheres como direitos humanos e pelos direitos humanos como pilares das sociedades democráticas.

“Sendo fiel a si próprio pode ser-se fiel ao amor”, disse-me, pouco antes da pausa para um chá, o tabuleiro pronto há muito, na cozinha, ela gosta da casa, das coisas de casa, das jarras com flores e da cozinha, do ambiente intergeracional das famílias, para que nada interrompesse este encontro de duas mulheres jornalistas, de duas amigas antigas, que era para tornar público nesta homenagem das mulheres feministas, tão legítima, tão justa e tão merecida, à *Maria Antónia Palla, feminista e jornalista*. “Sendo fiel a si próprio pode ser-se fiel ao amor”, repito. É uma boa maneira de terminar.

Maria Antónia Fiadeiro

Mestre em Estudos sobre as Mulheres (Universidade Aberta)

Lisboa/Ericeira, 4 de Março de 2004

